

O colocador de pronomes

-Monteiro Lobato-

Aldrovando Cantagalo veio ao mundo em virtude dum erro de gramática. Durante sessenta anos de vida terrena pererecou como um peru em cima da gramática. E morreu, afinal, vítima dum novo erro de gramática. Mártir da gramática, fique este documento da sua vida como pedra angular para uma futura e bem merecida canonização.

Havia em Itaoca um pobre moço que definhava de tédio no fundo de um cartório. Escrevente. Vinte e três anos. Magro. Ar um tanto palerma. Ledor de versos lacrimogêneos e pai duns acrósticos dados à luz no “Itaoquense”, com bastante sucesso.

Vivia em paz com as suas certidões, quando o frechou venenosa seta de Cupido. Objeto amado: a filha mais moça do coronel Triburtino, o qual tinha duas: essa Laurinha, do escrevente, então nos dezessete; e a do Carmo, encalhe da família, vesga, madurota, histérica, manca da perna esquerda e um tanto aluada.

Triburtino não era homem de brincadeiras. Esgoelara um vereador oposicionista em plena sessão da câmara, e desde aí se transformou no tutu da terra. Toda a gente lhe tinha um vago medo; mas o amor, que é mais forte que a morte, não receia sobrecechos enfarruscados nem tufo de cabelos no nariz. Ousou o escrevente namorar-lhe a filha, apesar da distância hierárquica que os separava. Namoro à moda velha, já se vê, que nesse tempo não existia o escurinho dos cinemas.

Encontros na igreja, a missa, troca de olhares, diálogos de flores - o que havia de inocente e puro. Depois, roupa nova, ponta de lenço de seda a entremostrear-se no bolsinho de cima e medição de passos na Rua d’Elba, nos dias de folga. Depois, a serenata fatal à esquina, com o “Acorda, donzela...” sapecado a medo num velho pinho de empréstimo.

Depois, bilhetinho perfumado. Aqui se estrepou. Escrevera nesse bilhetinho apenas quatro palavras, afora pontos exclamativos e reticências: “Anjo adorado! Amo-lhe!...”. Para abrir o jogo, bastava esse movimento de peão.

Ora, aconteceu que o pai do anjo apanhou o bilhetinho celestial e, depois de três dias de sobrececho carregado, mandou chamar o autor à sua presença, com disfarce de pretexto: - para umas certidõezinhas - explicou.

Apesar disso o moço veio um tanto ressabiado, com a pulga atrás da orelha. Não lhe erravam os pressentimentos. Mal o pilhou portas aquém, o coronel trancou o escritório, fechou a carranca e disse: - A família Triburtino de Mendonça é a mais honrada desta terra, e eu, seu chefe natural, não permitirei nunca - nunca, ouviu? - que contra ela se cometa o menor deslize. Parou. Abriu uma gaveta. Tirou de dentro o bilhetinho cor de rosa, desdobrou-o.

- É sua esta peça de flagrante delito?

O escrevente, a tremer, balbuciou medrosa confirmação.

Muito bem! - continuou o coronel em tom mais sereno.

- Ama, então, minha filha e tem a audácia de o declarar... Pois agora...

O escrevente, por instinto, ergueu o braço para defender a cabeça, e relanceou os olhos para a rua, sondando uma retirada estratégica.

- ... é casar! - concluiu de improviso o vingativo pai.

O escrevente ressuscitou. Abriu os olhos e a boca, num pasmo.

Depois, tornando a si, comoveu-se e, com lágrimas nos olhos, disse, gaguejante:

- Beijo-lhe as mãos, coronel! Nunca imaginei tanta generosidade em peito humano!

Agora vejo com que injustiça o julgam aí fora!...

Velhacamente, o velho cortou-lhe o fio das expansões:

- Nada de frases, moço, vamos ao que serve: declaro-o solenemente noivo de minha filha!

E voltando-se para dentro, gritou:

- Do Carmo! Vem abraçar o teu noivo!

O escrevente piscou seis vezes e, enchendo-se de coragem, corrigiu o erro: - Laurinha, quer o coronel dizer...

Sei onde trago o nariz, moço. Vassuncê mandou este bilhete à Laurinha, dizendo que ama-lhe. Se amasse a ela, deveria dizer amo-te.

Dizendo amo-lhe, declara que ama uma terceira pessoa, a qual não pode ser senão a Maria do Carmo. Salvo se declara amor à minha mulher!

- Oh, coronel...

- ...ou à preta Luzia, cozinheira.

Escolha!

O escrevente, vencido, derrubou a cabeça, com uma lágrima a escorrer rumo à asa do nariz. Silenciaram ambos, em pausa de tragédia. Por fim o coronel, batendo-lhe no ombro paternalmente, repetiu a boa lição da sua gramática matrimonial: - Os pronomes, como sabe, são três: da primeira pessoa - quem fala, e neste caso vassuncê; da segunda pessoa - a quem se fala, e neste caso Laurinha; da terceira pessoa - de quem se fala, e neste caso Maria do Carmo, minha mulher ou a preta.

- Escolha! Não havia fuga possível. O escrevente ergueu os olhos e viu a do Carmo que entrava, muito lampeira da vida, torcendo acanhada a ponta do avental novo ao alcance do maquiavélico pai. Submeteu-se e abraçou a urucaca, enquanto o velho, estendendo as mãos, dizia teatralmente:

- Deus vos abençoe, meus filhos!

No mês seguinte, solenemente, o moço casava-se com o encalhe, e onze meses depois vagia nas mãos da parteira o futuro professor Aldrovando, conspícuo sabedor da língua, que durante cinquenta anos a fio coçaria na gramática a sua incurável sarna filológica.